

Para ACM, inflação atual ameaça reforma ministerial

JORNAL DE BRASÍLIA

29 ABR 1992

Humberto Pradera

Na mais dura crítica ao governo após a reformulação ministerial, o governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, disse ontem que se o governo não conseguir reduzir a inflação urgentemente, perderá toda a credibilidade recuperada na mudança da equipe. ACM disse que não pretendia criticar o ministro Marcílio Marques Moreira, mas advertiu que nenhum ministro da Economia resiste a uma inflação alta como a atual.

“Não importa quem esteja no cargo, se Marcílio, Simonsen (Mário Henrique Simonsen) ou até mesmo Mercadante (Aloizio Mercadante, do PT). O número é implacável com os ministros da Economia. Não adiana o presidente da República gostar do ministro, o número é que determina sua permanência. E esse número precisa cair com urgência”, criticou ACM.

Antônio Carlos Magalhães, que está em Brasília desde segunda-feira e permanece até hoje, não se encontrou com o presidente Collor, mas se reuniu no fim da tarde com o ministro da Educação, José Goldemberg, para tratar, segundo ele, de assuntos administrativos do interesse da Bahia. Fez questão de dizer que não está rompido e muito menos magoado com Collor:

“Quando tiver necessidade de procurá-lo o farei sem o menor constrangimento, como sempre fiz pelos altos interesses da Bahia.

O governador insistiu na necessidade de mudanças na política econômica do governo, argumentando que a manutenção da infla-



ACM acha que se inflação não cair, governo perde credibilidade

ção em patamares altos pode gerar uma grave crise:

“Essa crise não será institucional, mas comprometerá o governo, na medida em que a execução de uma política austera e recessiva não está dando resultados.

Antônio Carlos Magalhães considerou importante que, diante da crise, o governo ouça também economistas de outros partidos:

“O presidente e o ministro Marcílio devem ouvir também opi-

niões diferentes, como as de José Serra, Aloizio Mercadante, Simonsen e outros economistas.

O governador da Bahia insistiu na tese de que, se não houver mudanças na política econômica, o governo enfrentará graves dificuldades:

“E quando isso acontecer, vão saber que eu falei antes. E aí dirão que eu enxergo longe demais. É que eu vejo os fatos”.